

**CURSO NORMAL EM NÍVEL MÉDIO**  
**DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

**Abordagens Psico  
Sociolingüísticas  
do Processo de  
Alfabetização**

Consultora:  
Carmen Sanches Sampaio

Professores especialistas:  
Glória Maria Anselmo de Souza  
Viviane Merlim Moraes Villela

Janeiro de 2005



## O PAPEL DA DISCIPLINA ABORDAGENS PSICO SOCIOLINGÜÍSTICAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

---

*Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar e o sol, que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.*  
Fernando Pessoa<sup>1</sup>

Em nossa experiência com as atividades de Didática e Prática Pedagógica no Curso Normal junto às séries iniciais acrescidas das leituras realizadas, observamos que alfabetizar continua representando um desafio a ser enfrentado pela sociedade, pela escola e, conseqüentemente, por professores e pais. Infelizmente, não é injusto afirmar o quanto, ao longo de décadas, a escola brasileira tem fracassado em sua tarefa de garantir o direito de todos os alunos à alfabetização. Inicialmente, o não cumprimento desse direito relacionava-se à impossibilidade de acesso assegurado a todos. Em um segundo momento, mesmo com o processo de democratização do acesso (décadas de 80/90 do século XX), a escola não conseguiu – e ainda não consegue – ensinar todos os alunos a ler e escrever, especialmente quando eles provêm das camadas populares e de grupos não-letrados.

Os números do Mapa do Analfabetismo divulgados pelo Instituto de Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais<sup>2</sup> (MEC/INEP, 2003) revelaram que ainda temos 13,3 % de analfabetos. Na faixa etária de 10 a 19 anos, 7,4% dos jovens não sabem ler e escrever. Jovens que deveriam estar na escola ou terminando o nível médio. Não é por acaso que o Brasil é pressionado para se engajar na Década da Alfabetização das Nações Unidas, que começou em 2003 e irá até 2012. A introdução do Documento Alfabetização como Liberdade<sup>3</sup> (UNESCO, 2003, p.7) destaca que *a alfabetização universal de crianças e adultos continua sendo um desafio. E ela constitui um direito humano fundamental, uma necessidade básica de aprendizagem e a chave para aprender a aprender, condição indispensável para o exercício pleno da liberdade, que constitui o bem supremo de ser na vida.*

Diante deste quadro alguns questionamentos surgem: por que razão um número grande de alunos matriculados na rede pública não se alfabetizam? Quais seriam as razões para este fato? Políticas? Econômicas? Culturais? Formação insuficiente dos profissionais? Metodologias de trabalho? O que pensar diante desta realidade? O que trabalhar nesta disciplina - *Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização* – de modo que futuros professores alfabetizadores possam compreender que todos os seus alunos, e não apenas alguns, precisam e têm o direito de se alfabetizar? Não podemos esquecer do que Paulo Freire há bastante tempo afirma: *a alfabetização é um ato político.*

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Frederico (org.). *Poemas escolhidos de Fernando Pessoa*. Chile: Klick, 1997.

<sup>2</sup> [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

<sup>3</sup> UNESCO, MEC. *Alfabetização como liberdade*. Brasília, 2003.

Sabemos, também, que no dia-a-dia das escolas, muitas vezes, as turmas de alfabetização são entregues aos professores recém chegados. Com pouca ou nenhuma experiência em turmas de alfabetização, tais professores, muitas vezes, recorrem às suas vivências de alunos, reproduzindo práticas já superadas teoricamente. Como ajudá-los, então, desde o período de formação inicial?

Outro aspecto a ser considerado no que se refere à prática alfabetizadora é o encaminhamento do trabalho pedagógico. Os métodos de alfabetização fundados em uma concepção mais tradicional de educação são os mais utilizados. O que não nos causa admiração, pois esses modos de ensinar a ler e a escrever – “alfabético”, “silábico”, “fonético”, “palavração” etc. – existem há mais de 2000 anos. São bastante conhecidos e praticados. Mas o número elevado de crianças e jovens que não consegue se alfabetizar é uma realidade e nos possibilita afirmar que tais métodos não têm cumprido sua principal tarefa – ensinar a ler e escrever. Por outro lado, a distribuição dos que não conseguem se alfabetizar não é aleatória. Dados estatísticos de pesquisas recentes (censo do IBGE, IPEA e MEC/INEP)<sup>4</sup> demonstram que é preciso também levar em conta quem são os que não tem aprendido a ler e a escrever. Quem, historicamente, tem engrossado os altos índices de analfabetismo do nosso país? As estatísticas revelam (IPEA, 2000)<sup>5</sup> ; entre os brancos o percentual de analfabetos é de 22,7% enquanto entre os afro-descendentes é de 41,7%. Podemos, então, questionar: alfabetizar é apenas uma questão de método? Até que ponto estes métodos levam em conta as experiências de leitura (e escrita) que as crianças, principalmente as das classes populares, realizam antes de ingressar na escola? Até que ponto, diferentes modos de pensar e construir conhecimentos são considerados no processo vivenciado pelas crianças, quando estão aprendendo a ler e escrever?

As pesquisas desenvolvidas nos últimos 40 anos no campo da Psicologia Cognitiva, da Psicologia do Desenvolvimento, da Sociologia da Educação e os estudos sobre a apropriação da linguagem escrita possibilitaram avanços significativos, ampliando nossa compreensão sobre este processo. Tais reflexões deslocam o foco da discussão do *como ensinar* (métodos de ensino), para *como os alunos aprendem* (processos de aprendizagem), evidenciando que alfabetizar é um ato pedagógico complexo, mas, também, como já afirmamos, um ato político. Tal dimensão relaciona-se ao fato de que cada aluno é um sujeito histórico que pensa e constrói conhecimentos a partir das interações e interlocuções que, cotidianamente, vivencia.

Reconhecer tais pressupostos nos leva a concordar com Emilia Ferreiro (1985), quando afirma que *as mudanças necessárias para enfrentar em outras bases a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino, nem com novos testes de prontidão, nem com novos materiais didáticos*. É preciso, segundo a autora, mudar os pontos por onde fazemos passar o eixo central de nossas discussões. Como então, encaminhar um trabalho na formação inicial de professores que contribua para a compreensão de outros enfoques necessários a uma prática alfabetizadora? Como pensar em um trabalho que invista na construção de leitores e escritores capazes de ler e escrever a palavra ampliando, efetivamente, suas leituras críticas de mundo?

A disciplina *Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização* tem um papel importante nesse processo. Uma de suas tarefas é garantir que os futuros professores possam ter acesso à teoria produzida na área de alfabetização. Para isso, é necessário considerar as questões que se apresentam na sala de aula como elementos de reflexão, de produção de novos saberes e práticas comprometidas com a alfabetização de todos os alunos e alunas especialmente os das classes populares, que têm, historicamente, fracassado em suas tentativas de aprender a ler e a escrever. Outra tarefa fundamental é incentivar a formação de professores(as) pesquisadores(as) da própria prática. Investigadores de suas vidas, da vida de seus alunos. Ensinar a pensar sobre o produzido e sobre o já pensado, criando condições para avaliação e reformulação do fazer pedagógico. Valorizar os saberes dos alunos, tomando-os como ponto de partida para o diálogo

---

<sup>4</sup> [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br); [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br); [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

<sup>5</sup> IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Dados apresentados no *II Foro Global sobre Desenvolvimento Humano*, organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD/2000.

necessário entre a *leitura de mundo e a leitura da palavra*, como nos ensinou Paulo Freire. Estas são exigências importantes que, do nosso ponto de vista, precisamos considerar.

Pensamos que a literatura infantil apresenta-se, nesse contexto, como um aliado importante. Através dela, os futuros professores, além de ampliarem a sua bagagem cultural (já que muitos de nossos alunos não tiveram a oportunidade de conhecer este tipo de literatura na fase infanto-juvenil) podem experimentar outras possibilidades de aquisição de conhecimentos construindo um referencial de leitura para futuras situações de ensino e aprendizagem.

Optamos então, por oferecer aos futuros professores a oportunidade de compreender que a alfabetização, no espaço escolar, é uma prática que se constrói na interação entre sujeitos históricos (alunos/alunos; alunos/professores), articulada em torno de objetos culturais socialmente produzidos (leitura e escrita), em um movimento dinâmico e vivo, através da troca de experiências, de vivências concretas e de um processo permanente de reflexão sobre o conhecimento.

## CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS

---

Muitas podem ser as formas de trabalho com a disciplina *Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização*. A partir de nossas concepções pedagógicas, consideramos importante iniciar pelas histórias de alfabetização que nos circundam. Nossas histórias pessoais, o que entendemos por infância buscando perceber a criança como um ser histórico, que se constrói como indivíduo, dotado de inteligência e vontade, nesse processo complexo de aquisição da leitura e da escrita.

### Quem Somos Nós e Quem São nossos Alunos?

Por meio de relatos de histórias de vida, os nossos alunos (futuros professores) vão contando como se alfabetizaram e as transformações que percebem entre o que ocorria no seu passado e o que acontece atualmente com as crianças que estão na escola. Tal atividade ajuda-nos a compreender o processo de permanência e mudança na alfabetização. Nos encontros promovidos pela SEE para discussão do presente documento, pudemos experimentar quantos assuntos relevantes tais histórias trazem à tona, possibilitando um trabalho inicial bastante interessante.

Fechamos este momento refletindo sobre a história da alfabetização no Brasil. O estudo permite uma aproximação entre diversas disciplinas, principalmente no que se refere à concepção de ser humano presente na educação em diferentes momentos históricos. Essa discussão estará sendo desenvolvida na 3ª série e pode ser bastante enriquecida se contar com a contribuição do professor da disciplina *História e Filosofia da Educação*.

Na 4ª série, a disciplina *Política Educacional e Organização do Sistema de Ensino*, juntamente com *Abordagens Psico Sociolingüísticas do Processo de Alfabetização*, pode oferecer subsídios para o futuro professor pensar a questão educacional brasileira sob o ponto de vista legal, entendendo as relações e contradições que a realidade apresenta. Um assunto que deve ser aprofundado por ambas as disciplinas é o alto índice de analfabetismo existente em nosso país, tendo em vista que a LDB (9.394/96) coloca a Educação Básica como dever da família e do Estado, não devendo, portanto, este problema existir. O fracasso e a evasão escolar são exemplos de outros temas que não podem deixar de serem abordados.

## Sugestões de Leitura

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1994.

BOJUNGA, Lígia. *A casa da madrinha*. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

ESTEBAN, Maria Teresa e ZACCUR, Edwiges. *Professora pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOX, Mem. *Guilherme Augusto Araujo Fernandes*. São Paulo: Brinque-book, 1995.

GARCIA, Regina Leite (org). *A formação da professora alfabetizadora*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Novos olhares sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARIA, Luzia de. Meu aluno: quem é essa criança? In: *Revista Informação Pedagógica* v.3. Rio de Janeiro: Secretaria Extraordinária de Programas Especiais, 1993.

KRAMER, Sônia. *Alfabetização – Leitura e escrita*. Formação de Professores em curso. São Paulo: Ática, 2001.

VASCONCELOS, Geni. *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIEIRA, Alice. Alfabetização e leitura para todos. In: *Educação em Debate*. São Paulo: Moderna, 2001.

## O Que é Alfabetizar-se? Como nos Alfabetizamos?

Um caminho a ser seguido é discutir as concepções de alfabetização, os métodos e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da leitura e escrita, provocando um confronto entre diferentes modos de pensar as práticas. As idéias e reflexões surgidas, sustentadas em métodos e o entendimento do processo de construção de conhecimentos nos parece bem interessante e viável. Pudemos compartilhar essas sugestões com outros colegas nos *workshops* e concluímos que estes podem ser assuntos selecionados para a 3ª série.

Nesse momento, é importante garantir uma interlocução com a disciplina *Psicologia da Educação*, pois nesse espaço estarão sendo realizadas discussões sobre aprendizagem e desenvolvimento desde a 2ª série. A possibilidade de ambas as disciplinas abordarem em um mesmo momento as teorias que embasam as concepções sobre como a criança aprende pode representar uma experiência importante para esse professor que está sendo formado.

Vale lembrar que as disciplinas *Conhecimentos Didáticos Pedagógicos em Ensino Fundamental e Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa* também estarão abordando esta questão desde o início do curso. Nesse sentido, é preciso direcionar a discussão, para que o aluno não tenha a sensação de que o mesmo conteúdo está se repetindo. É necessário que haja um trabalho integrado, de maneira que os enfoques dados em cada uma das disciplinas se complementem.

## Sugestões de Leitura

ANTUNES, Celso. *Novas formas de ensinar – novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COLL, Cesar. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre a alfabetização*. 20ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MORTATTI, Maria do Rosário L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. In: *Cadernos Cedes*, n. 52 – Cultura Escolar – Histórias, práticas e representações. Campinas, 2000.

OLIVEIRA, Martha Kohl. *Vygotsky*. São Paulo: Scipione, 1997.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (org). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ROCHA, Ruth. *O menino que aprendeu a ver*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1995.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita*. São Paulo: Cortez, 1996.

## Falar e Escrever São a Mesma Coisa? De que Precisamos para nos Alfabetizar?

Falar e escrever são a mesma coisa? Se você respondeu *sim*, podemos mudar de assunto. Se você respondeu *não*, então continuamos pensando juntos ao longo da 4ª série. Muitos autores vêm discutindo essa diferença. Como você a percebe? Há uma relação entre linguagem oral e linguagem escrita? A curiosidade guardada nesta pergunta nos leva a refletir com os futuros professores, a história da escrita e seus códigos, a oralidade como parte integrante das práticas alfabetizadoras e a dimensão política do ato de ler e escrever. Tal escolha justifica-se pela trajetória pessoal e profissional que temos feito e que reflete o esforço sincero para que todas as crianças conquistem o direito de se alfabetizar na escola. Em discussão estão colocados os processos de apropriação da língua escrita: o caráter discursivo da alfabetização, o uso de textos durante o processo e as relações interativas na sala de aula.

Mais uma vez a aproximação com teóricos já estudados ao longo do curso em algumas disciplinas oportuniza ao aluno do Curso Normal traçar relações entre elas, através da percepção de que o conhecimento não se dá isoladamente, mas através de uma rede de significações que vamos construindo ao longo de nossa trajetória. Além disso, o contato com a realidade escolar oferecido pela disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa* pode facilitar, por exemplo, a compreensão de que o aprendizado da leitura e escrita são coisas distintas, tendo em vista que o aluno do Curso Normal já estará tendo a oportunidade de construir todo um referencial teórico-prático que lhe faça refletir sobre algumas questões que se apresentam no cotidiano das salas de aula.

### Sugestões de Leitura

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 42ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOODMAN, Ken. *Introdução à linguagem integral*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROCHA, Ruth. *O Livro da Escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (Coleção O Homem e a Comunicação).

\_\_\_\_\_. *O Livro das Línguas*. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (Coleção O Homem e a Comunicação).

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Códigos e Símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (Coleção O Homem e a Comunicação).

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

## De quais Alternativas Pedagógicas Dispomos?

Em parceria com o profissional da disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, é possível oferecer aos alunos em formação visitas a diversos espaços escolares, ao longo da 3ª e 4ª séries, onde diferentes práticas se desenvolvam. Conhecer ambientes alfabetizadores, as possibilidades de trabalho pedagógico e o papel do lúdico nesse processo são metas importantes. Este trabalho integrado colabora para que os estudantes percebam a diferença entre métodos e processos de alfabetização, alargando a sua compreensão enquanto futuros professores. Entrevistas, pesquisas, participação em oficinas de leitura e escrita, palestras podem também favorecer a reflexão sobre as alternativas pedagógicas para o trabalho com alfabetização, permitindo a compreensão de que além dos modelos, estão as possibilidades.

### Sugestões de Leitura

ARAUJO, Mairce. Os caminhos da prática alfabetizadora. In: *Presença Pedagógica*. v.10, n.57, maio/junho, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil*. v.3. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CICLO DE ESTUDOS 2004 – Formação Continuada para professores de escolas na busca do horário integral. Caderno de Textos 1 e 2: *Alfabetização a 4ª série do Ensino Fundamental*. Organização: Fundação Darcy Ribeiro em convênio com a Secretaria Estadual de Educação. Rio de Janeiro: FUNDAR/SEE/RJ, 2004.

CURTO, Lluís Maruny , MORILLO, Maribel Ministral e TEIXIDÓ, Manuel Miralles. *Ler e Escrever*. v.1 e 2 . Porto Alegre: Artmed, 2000.

ROCHA, Gladys & VAL, Maria da Graça Costa (orgs). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito-autor*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003.

SOARES, Magda. *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: Perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 2002.

WEISZ, Telma. *O diálogo entre o Ensino e a Aprendizagem* . São Paulo: Ática, 2003.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## Avaliação e Alfabetização

O quê, quando e como avaliar? São perguntas às quais nos remetemos quando o assunto é avaliação. Essa discussão se faz relevante em todas as disciplinas. Mas em *Abordagens Psico Sociolinguísticas do Processo de Alfabetização*, em especial, ela se torna fundamental na medida em que buscamos construir no aluno em formação a idéia de alfabetização como processo, rompendo com a tradicional concepção de prontidão, de “estalo” para o aprendizado da leitura e escrita. Nesse sentido sugerimos que na 4ª série seja realizado um estudo sobre a função da avaliação e a quem ela serve, visando desconstruir o modelo classificatório, tão enraizado em nós, para privilegiar os aspectos formativos do sujeito, suas idéias e a relação que estabelece entre os novos conhecimentos e os que já possui.

Discutir diferentes concepções e conhecer instrumentos variados de avaliação é importante. Entretanto, propomos mais que isso, pois sabemos que outras disciplinas ao longo do curso se ocuparão de tratar um pouco mais dessa questão. A prática avaliativa do processo de alfabetização quando mal conduzida contribui, muitas vezes, para a produção do fracasso dos alunos das classes populares no início da sua escolarização.

Uma reflexão sobre o objetivo da avaliação em alfabetização é indispensável para que se possa reformular práticas tão comuns, tais como: o uso do ditado, reforçando a idéia de que a escrita é reprodução da fala, quando pronunciamos artificialmente as palavras visando garantir a escrita “correta” pelas crianças; o trabalho com listas de palavras que devem ser memorizadas, com o objetivo de “tomar” a leitura, fazendo com que as crianças pensem que o aprendizado da mesma se processa simplesmente através da memorização; a separação silábica desarticulada da produção de textos; a exigência, nas produções escritas dos alunos, das normas e regras ortográficas e gramaticais. Acreditamos ser de fundamental importância (re)discutirmos como aprendemos a compreender o erro. Maria Teresa Esteban (2001) nos instiga a pensar nisto ao questionar: o que sabe quem erra? Quem erra nada sabe? E quem acerta, tudo sabe? Os acertos e os erros podem fornecer, para a professora, pistas dos *saberes* e também dos *ainda não saberes* das crianças, possibilitando pensar em estratégias pedagógicas que invistam na ampliação dos conhecimentos dos alunos. O que objetivamos quando estamos lecionando em classes de alfabetização? O que esperamos que o aluno alfabetizado leia e escreva? Essas são algumas provocações que podem ser feitas aos nossos alunos do Curso Normal para que eles possam se sentir atraídos por essa discussão.

## Sugestões de Leitura

ESTEBAN, Maria Teresa (org.) *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e o fracasso escolar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino – exercício de militância e divulgação*. Campinas: Mercado das Letras: ABL, 1996.

\_\_\_\_\_. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, J.W. (org.). *O texto na sala de aula*. 3a ed. São Paulo: Ática, 2001.

MASSINI, CAGLIARI, G. e CAGLIARI, L.C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras: ABL, 1999.

MAYRINK, SABINSON, Maria Laura. O que se ensina quando se ensina a ler e a escrever? Ensina-se mesmo a ler e a escrever? In: *Leitura: teoria e prática*. Associação de leitura do Brasil, v.20, n.38, dez. Campinas: ALB. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

MORAIS, Artur Gomes de (org.) *O aprendizado da ortografia*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

## OBJETIVOS A ALCANÇAR

---

Com base nas questões definidas nos itens anteriores e na idéia de que podemos partir das histórias individuais de alfabetização para discussão das perspectivas que se colocam na atualidade, consideramos que os alunos em formação, após cursarem esta disciplina, deverão ser capazes de, no mínimo:

- Compreender que a alfabetização é um direito e, sobretudo, um ato político.
- Analisar, criticamente, diferentes concepções de alfabetização e suas conseqüências metodológicas, subsidiando a construção de práticas alfabetizadoras que afirmem a leitura e a escrita como prática dialógica, discursiva, significativa.
- Conhecer os conteúdos básicos relacionados com os processos de construção de leitura, escrita e alfabetização em sentido amplo, que serão objeto da sua atividade enquanto docente, adequando-os às atividades escolares próprias.
- Relacionar os conteúdos básicos referentes à alfabetização com fatos, tendências, fenômenos ou movimentos dos dias atuais e fatos de sua história de vida.
- Criar, planejar, realizar e avaliar situações didáticas utilizando o conhecimento sobre linguagem e alfabetização.
- Utilizar modos diferentes e flexíveis de organização do tempo, do espaço, de agrupamento dos alunos, para favorecer e enriquecer seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.
- Intervir nas situações educativas com sensibilidade, acolhimento e afirmação responsável de sua autoridade.
- Utilizar estratégias diversificadas de avaliação da aprendizagem e, a partir dos resultados, formular propostas de intervenção pedagógica.

## ABORDAGENS E INTERFACES POSSÍVEIS

---

Consideramos que o cotidiano do professor é construído pela curiosidade e pelo olhar investigativo. Sendo assim, acolhemos a necessidade de um permanente movimento de reflexão e reorientação de nossas práticas em busca de outras formas de ensinar e aprender, isto é, procurando melhorar nosso fazer pedagógico a cada experiência. Alguns exemplos podem nos ajudar nesse percurso:

1) Prática de leitura compartilhada no início das aulas, com prioridade para textos literários de qualidade, visando desenvolver o gosto pela leitura, o aperfeiçoamento da leitura oral e, especialmente, a ampliação do capital cultural dos futuros professores. Sugerimos que o professor desta disciplina leia os textos, com elegância, entonação e ritmo, procurando sensibilizar o grupo.

2) Situações de ensino e aprendizagem em que os alunos em formação desenvolvam o uso da literatura infantil. Esta sugestão foi acolhida pelos professores participantes dos encontros de discussão do documento como uma estratégia interessante de começar a conversa sobre alfabetização e como ponto de partida para a discussão de temas teóricos e práticos. Como exemplo, podemos citar:

- *O menino que aprendeu a ver* (Ruth Rocha) é uma obra que favorece a discussão sobre como as crianças vão se apropriando da leitura.
- A partir da leitura do livro *A Centopéia que Sonhava* (Betinho) pode-se abordar temas como respeito e solidariedade dentre outros.

- O livro *Uma Professora Muito Maluquinha* (Ziraldo) trata das relações interpessoais entre aluno-professor.

## Sugestões de Leitura

ROCHA, Ruth. *O menino que aprendeu a ver*. 2 ed. São Paulo: Quinteto, 1998. (Coleção hora dos sonhos).

SOUZA, Herbert. *A centopéia que sonhava*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

ZIRALDO. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

3) Exibição de vídeos que colaborem para a compreensão ampliada de temas e conteúdos trabalhados. Como sugestões indicamos:

- O *Nome da Rosa* e *O Corcunda de Notre Dame*<sup>6</sup> que permitem uma reflexão sobre a história geral e a história da escrita, evidenciando as relações entre poder e saber.

- *Os Narradores de Javé*<sup>7</sup> destaca a importância das narrativas para a preservação da memória coletiva de um povo marcado pelo analfabetismo.

4) Desenvolvimento de Projetos de Trabalho que articulem diferentes disciplinas, tais como:

- Projeto: “*Meio Ambiente e Formação de Professores*” (alfabetização ambiental). Estudo de termos específicos, com pesquisa na comunidade, produção de textos, entre outras atividades.

- Projeto “*Com a Mala na Sala*”, objetivando incentivar o gosto e o hábito pela leitura. Organiza-se uma mala com diferentes títulos da literatura infantil e universal. Semanalmente um aluno ou grupo responsável seleciona um material para leitura.

5) Produção e/ou confecção de material didático a ser utilizado nas classes de alfabetização, que poderão ser feitos em conjunto com a disciplina *Práticas Pedagógicas e Iniciação à Pesquisa*, tais como:

- calendários,
- cartões de nomes (com diferentes tipos de letras),
- varais didáticos (para exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos),
- alfabetário,
- dominó,
- trilhas (com temas variados),
- quadro de pregas,
- blocões variados (histórias ouvidas e construídas pela turma, músicas conhecidas e cantadas, visitas realizadas etc),
- murais.

<sup>6</sup> O NOME da Rosa. Umberto Eco. 1986. Produção: Videolar Multimídia, Coleção O Globo no cinema. (130 min).

O CORCUNDA de Notre-dame. Victor Hugo. 1831. Produção: Walt Disney, (s/d). (113 min).

<sup>7</sup> NARRADORES de Javé. Eliane Caffé e Luiz Alberto Abreu. Produção: Bananeira Filmes, 2003. (121 min).

